

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 >
Brazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

A OBRIGA

Reforma eleitoral

Ser profeta na nossa terra é a mais facil e a mais segura das ciencias, e aqui está como a sabedoria das nações, tendo-nos deixado um codice de verdades intançiveis, errou, como qualquer papa infalivel, por não lhe ter ocorrido que a nossa terra, em verdade, é a contradição e o dispanterio quando a queremos ajustar a determinismos e factos lojicos.

Nós dissemos neste jornal, que o liberalismo ministerial reformando legislações, com seus propozitos democraticos, ou era boa fé que breve liquidaria numa saída do governo; ou, então, especulação burlista que nos apanharia em pleno côro da sinfonia liberal. Não iamos pela boa fé, que da nossa banda fóra credence lastimavel, propendiamos para a falsidade e malversão governativas.

Profeta com relações de tu cá tu lá no mundo do ocultismo, facil nos foi chegar á fala com o Passos, e d'ele saber que o Beirão, seu dilecto filho, a preparava aceada para enganar sua espoza, a respeitavel D. Liberdade, de que tem sido, com varia fortuna, marido e carrasco por distração.

Não nos enganou o venerando Moysés do progressismo, e não nos saíram adverbsas as suspeitas e pessimismos.

A reforma eleitoral, na forja—dissemos—milagre graudo terá de ser, desde que não traga, nas fachas da apparencia aceitavel, cousa peor que o que temos.

Assim foi; a proposta de lei eleitoral apresentada ao parlamento pelo presidente do conselho de ministros é uma manta de farrapos sem unidade, sem sistema, sem decencia. O governo subindo ao poder pediu trez mezes para a elaborar, e, dando á lingua sobre projectos e planos de vida, afirmou alto, claro e chão, que as propostas de lei que levasse ás côrtes seriam todas liberaes, todas inspiradas nas doutrinas e programas do seu partido.

Quanto á folga que o rei, *inconstitucionalmente*, lhe concedeu aproveitou-a para dormir; quanto ao cumprimento do seu compromisso e do seu partido, aliviou-se oferecendo ao paiz uma lastimoza e suja reedição da «ignobil porcaria»; tão decalcada para peor que só é mo-

dificada no sentido de tornar ainda mais viciozo e mais reles o sufrajio. As operações do recenseamento, taes como se fazem pela «ignobil porcaria», são uma maravilha de maquiavelismo e de falsidade, como taes, conserval-as, é uma garantia precioza, e assim se faz.

E' contra a opinião de José Luciano de Castro, sem duvida, mas não será por isso que o «ilustre chefe» fará baquear o governo...

A distribuição de círculos e o principio eleitoral são caciquismo puro, «ignobil porcaria» de pernas para o ar; contra clamam os discursos, os escritos, as doutrinas, os programas de Alves Martins, José Luciano, Antonio Candido; no entanto o bispo de Vizeu não torna cá, para escorraçar ministros e José Luciano e Antonio Candido, ainda que chorem a perdição em que vão levados os seus discipulos, um por já não ter pernas e o outro por não o deixar o seu estado de sacerdote, não podem ir esfregar as ventas dos esquecidos aos impressos em que andam os seus principios...

A reforma eleitoral foi mais uma apostazia, mais uma traição progressista, natural, consequente, num partido que tendo começado em novo e em forte por actos de traição pura, não podia em velho, em fraco e em desmoralizado, acabar limpamente seus dias, e fechar, com hombridade, os seus actos.

Mas isso é um episodio, que importa, é certo, para a historia dos costumes politicos, e interessa, pela significação que imprime á torpidade d'um partido e d'um momento historico, que é critico.

Não deve tirar-nos a vista da reforma eleitoral, reclamação fundamental, dentro do rejime, das aspirações republicanas. A chapelada erguida á categoria de lei suprema do estado—*voto obrigatorio*—responda-se com uma decidida e enerjica campanha a favor do sufrajio universal, representação proporcional, tanto quanto possivel, complementação da seriedade e bem intencionado da lei com disposições legalistas rigorozas em defensão da verdade do sufrajio.

Trave-se uma verdadeira batalha ao redor da reforma eleitoral, e alem dos argumentos da razão, que muito valem, não se dispensem os bons officios da força, que muito podem.

A republica franceza de 1848 saiu dos protestos violentos de Paris contra a legislação eleitoral, em Portugal, se a guerra

sem treguías á «ignobil porcaria» d'hontem e d'hoje, não significar que apanharemos a republica, como premio de sacrificios, significará que tendo conquistado uma posição ao inimigo mais cedo conseguiremos o alvo supremo do nosso esforço. O partido republicano não aspira a uma lei eleitoral para si, quer, aspira a uma lei eleitoral para todos.

... Precisamente ao contrario do sr. Beirão, que tornou a pecar, como de costume, apresentando uma reforma eleitoral que viza unicamente a manter o predomínio rotativo, os interesses progressistas, e as predileções e conveniencias monarchicas.

Antonio Valente

NO BRAZIL

O desenvolvimento da sua riqueza

Quanto mais os monarchicos portugueses procuram diminuir a importancia dos progressos realisados pelo Brazil, desde que esta grande nação proclamou a Republica, mais os factos vão demonstrando que esses progressos são, na realidade, extraordinarios.

Um d'esses factos é o do desenvolvimento das industrias. Assim, só em seis dos estados do Brazil, S. Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Pernambuco e Bahia, as fabricas têm multiplicado e os capitaes n'ellas empregado atingem uma cifra importantissima.

Segundo os trabalhos do *Centro Industrial* do Rio de Janeiro, e do sr. Vieira Souto, director da Misão Brasileira de Expansão Economica, o numero de fabricas creadas nos ultimos annos n'aquelles seis estados é o seguinte:

S. Paulo	323
Rio de Janeiro	190
Rio Grande do Sul	212
Minas Geraes	551
Pernambuco	9
Bahia	72

O capital empregado n'essas fabricas, em contos de reis, é o seguinte:

S. Paulo	114:822 contos
Rio de Janeiro	83:144 >
Rio Grande do Sul	38:115 >
Minas Geraes	24:846 >
Pernambuco	54:278 >
Bahia	22:225 >

A producção das fabricas é esta:

S. Paulo	117:377 contos
Rio Grande do Sul	78:287 >
Rio de Janeiro	52:987 >
Pernambuco	35:440 >
Minas Geraes	32:166 >
Bahia	24:982 >

Em media, cada fabrica de Pernambuco representa um capital de 6:031 contos; do Rio de Janeiro

439; de S. Paulo 355; da Bahia 309; do Rio Grande 180 e de Minas Geraes 45.

Convem dizer, no que respeita a S. Paulo, que a estatistica é incompleta e que ella se refere apenas aos grandes estabelecimentos industriaes.

Já agora registemos o movimento de exportação dos mesmos Estados, segundo a estatistica de 1907:

S. Paulo	350:920 contos
Minas Geraes	135:600 >
Rio de Janeiro	81:700 >
Rio Grande do Sul	72:858 >
Bahia	59:309 >
Pernambuco	57:934 >

Emfim, já é alguma coisa, bem que peze aos inimigos da republica brasileira.

(De «A Lucta»).

Comissão Paroquial Republicana

São convidados os nossos correligionarios desta vila a reunirem no dia 17 do corrente, pelas 7 horas da tarde, no centro, afim de proceder-se á eleição do delegado, ao Congresso, desta comissão paroquial.

Ovar, 14 de abril de 1910.

O Presidente,

Domingos Lopes Fidalgo.

ECHOS DA SEMANA

Opiniões

Na sua conferencia sobre a proposta de lei eleitoral apresentada pelo governo, disse João de Menezes que este «aprezentou um fragmento de proposta que apenas serve para tornar mais suja a ignobil porcaria». Ainda que tendo ficado por pouco tempo a nossa atenção no mostrengo, depressa chegámos a identica convicção, e no n.º anterior deste semanario claramente expressámos nosso sentir e o nosso convencimento sobre as manhas, para peor, da miseravel porcaria que o sr. Beirão se não envergonhou de subescrever com o seu nome.

... Andamos em excelente companhia, valha-nos, ao menos, essa innocente consolação.

Sempre noivo

Já não é em Londres mas na Dinamarca que D. Manoel encontrará a carne da sua carne e a metade que ainda lhe falta. E' pelo menos o que asseguram os alcaioes do Paço, os quaes afirmam que el-rei sempre consegue mulher na pessoa d'uma princeza de 15 anos, filhote das terras fatidicas do Hamleto, que tambem foi de sangue real.

E assim anda s. majestade, aos tombos, e sem majestade nenhuma, á procura d'uma noiva que o distraia... da Gabby.

A crize

«Encontramo-nos a braços com uma crize politica, porque o parlamentarismo atravessa uma crize tambem e das mais profundas que se tem manifestado entre nós. Essa crize não provém, como seria natural, do embate de ideas e de principios contrarios; é antes a resultante de uma indisciplinada orientação dos partidos de governo e dos vicios de um rejime que não cessa de comprometer-se».

Perguntar-nos hão de que folha republicana tiramos esta *coupure*, ou de que orador democratico aproveitamos esta asseveração, é é afinal do «Primeiro de Janeiro», diario onde Prudhome, reverentemente, faz bicha gata aos senhores «que tem que perder».

Pois, na verdade, veio escrito no melifluo «Janeiro»...

A paz

Todos a querem, e não ha governo nenhum que em mensajens e em discursos da corôa a deixe de citar, amorozamente. E como a paz são os grandes ezercitos e as formidaveis esquadras, a seguir aos termos de afetuozza dedicacão que se lhe oferecem, acrescentam-se, ás montanhas, os biliões de milhões dos orçamentos da guerra.

A França vae fazer sacrificios doidos para reconstituir o poderio naval, e, dias depois de o ficarmos sabendo, mandam da America do Norte a noticia de ter votado o parlamento a construcção de dois couraçados. Custam doze mil contos de reis, na «livre America» onde milhões de creaturas humanas vejetam esqualidas e escravizadas, na mais punjente miseria.

Jermania-pudica

Muitos sujeitos, ou por toleima, ou então, por hipocrizia, quando se fala da Alemanha é como quem recordasse a pudicia em pessoa: paiz monarchico, obediente, deista fiel, é um espelho de santos.

Berlim tem sido um alfobre vero de homosescuaes, queremos dizer de bispos de Beja, e, agora, telegrafa a Havas, de Bremem, que «foram ali prezas 6 pessoas e fujiram duas, havendo muitas outras comprometidas em novos escandalos de costumes».

... Acontecesse a vergonha em França, e tudo seria gritar que era o fructo da republica laica e da irreligião, mas é na Alemanha que elas se fazem,—paiz casto, paiz maçissamente relijiozo.

Viticultura

De toda a parte é um clamor, não ezajerado, o da ruina que vem preparando a minaz e indebelavel crize vinicola. Acudiu um dia o governo com a *União dos Viticultores* a que deu dois mil contos, privilejios, favores; e aquela famosa *União* trabalha para atenuar os males da crize... pagando ordenados de 50 contos de reis, acudindo a comerciantes, e fechando o postigo do predio á pedinchenta lavoura. O governo sabe-o, mas, como sob o pretexto de valer aos viticultores a União foi creada para praticar ilegalidades e ser capa de arranjos, tudo está direito e não ha que interferir.

Soma economica d'um ano administrativo da União Vinicola:

Dois mil contos ao desbarato, cedidos pelo teozouro numa especie de foliar mais que illegal-criminozo, e as adegas mais cheias e mais de rastos que nunca.

Operações financeiras da «radioza mocidade», que ainda nos fazem bons os tempos em que floria um martirizado reinante...

O Espirito Santo

Saiu dos labios seraficos de D. Sebastiãozinho:—foi por uma revelação do divino Espirito Santo que ele, bispo, fez abichar ao favorito padre Coelho a nomeação para o seminario.

Assim vemos o ceo gafando de feios vicios terreos, não ha que vêr, pois que já o Espirito Santo deixa o seu trono de raios para vir de longada, como qualquer politico, botar memorial ao bestunto do padre Sebastião, ao tempo, fadigozamente, como todas as mais mulheres, á procura d'uma solução salvadora, que desforrasse o seu despeito agravado, ferido dos molanqueirões desdens do Ançã.

No que o Espirito Santo divino foi comprometer os seus creditos, a sua idade respeitabilissima, a sua seriedade impoluta...

Pão do compadre

Para acudir aos estragos causados pelas inundações de inverno findo votou o governo um credito de quinhentos contos de reis.

Desse credito teem surjido, como de mosquitos de pantano, irregularidades sem conta, favoritismos mizeraveis. Distribuiu-se o paiz em duas classes, a dos amigos, que recebe, tenha ou não preciação; e a dos inimigos, que o governo com uma penada de tinta risca do numero dos vivos. E o dinheiro dos inundados, pela mão dos governadores civis e dos eleiçãoeiros, anda por ahí numa roda viva a comprar malandrins e a pagar serviços...

D'agua aberta

Depois de Beja Bragança, e assegura o catolico, monarchico e ministro de estado honorario Eduardo Jozé Coelho, que o colega do Sebastião ainda é peor e de mais escandalo. E clama por documentos, certificados, processos, afim de esmagar,—isto é retorica—sob a vara ferrea da justiça o insubmisso, criminozo, reprobado pastôr catolico. Vem, pois, mais uma vez, a sagrada mitra, para o parlamento apanhar pontapé bravo; e anda eminente o raio sobre as venerandas corôas dos bispos.

E' a «Piscatoria Falua», apesar de toda a boa fé e todo o desejo dos crentes, pozitivamente, já d'agua aberta... e Pedro tão máo barqueiro que o leme lhe cae das mãos.

ARA

Metempsicoze

Ardentes filhas do prazer, dizei-me! Vossos sonhos quaes são depois da orjia? Acazo nunca a imajem fujidia do que fostes em vós se ajita e freme?

N'outra vida e outra esfera aonde jeme outro vento e se acende um outro dia, que corpo tinheis? que materia fria vossa alma incendiou, com fogo estreme?

Vós fostes nas florestas bravas feras, arrastando, leaos ou panteras, de dentadas d'amor um corpo ezangue...

Mordei pois esta carne palpitante, feras feitas de gaze flutuante... Lobas! leaos! sim, bebei meu sangue.

Antero de Quental.

Assalto, fraude e roubo

A questão Hinton que o parlamento está a julgar, e que a maio-

ria, submissa como carneiros, a estas horas terá já que engulir para gloria da monarchia carlo-manuelina e para proveito da Inglaterra, tem nada menos de cinco fazes; abranje dois reinados, e amarra ao pelourinho da sua infamia, com a monarchia, todos os seus partidos politicos e quase todos os seus homens publicos.

Aproxima-se—nem o contrario é possivel—o fim do fim, e a justiça implacavel da fatalidade historica compraz-se atando-os todos ao mesmo poste ezecrado, á mesma infamação negra.

Á questão Hinton, tenebroza, cheia de falsos, fertil de encruzilhadas, começa em 1895, quando se ia em plena marcha para o poder pessoal da coroa, e estala, com retumbancia, atualmente, quando o reinado novo se torna numa sucursal da corte vaticanista.

A monarchia de direito divino, de posso, quero e ordeno de ciencia certa, essa monarchia, com D. Carlos, presenteou Hinton com a Madeira, visto Hinton ser um bom companheiro, um radio e amavel jousisseur.

A nova, a monarchia radioza e liberal das sacristias e da benção apostolica, renova ao Hinton o presente, porque o cavalheiro vem com recomendação do ministro inglez, e seria shoking o nosso governo, contra as praxes, contra as leis do uzo, não dobrar a espinha, e não abrir, sollicitamente, a caixa forte onde ainda existem algumas velhas pratas de familia...

E' a Madeira uma joia oceanica, e com portuguezes verdadeiramente patriotas, verdadeiramente honestos, seria, dos padroes da nossa passada grandeza, um dos mais rendozos e ricos. Mas sob a administração inepta da monarchia, com a falta de escrupulos e baixeza do rejime, só tem servido para nos trazer complicações, para nos humilhar, para ser a galinha dos ovos de ouro de aventureiros e eseroes.

Ha perto de vinte anos, que por meio de crime de leza-patria, rei e ministros a entregaram a Hinton, de facto, praticamente depois de obtidas as concessões o senhor e dono da ilha.

Elé, o alemão dos sanatorios e, outra vez as suas ezjencias, servidas sempre por ministros subservidentes, acolhidas sempre no paço dos reis portuguezes com requintes de proteção, teem custado ao teozouro deste pobre e desprezado paiz milhares e milhares de contos.

Agora o ministerio Beirão, para cumulo da victoria de Harry Hinton & Sons, entrega-lhes, graciosamente, por mais dilatados anos, a posse, a exploração e o dominio da ilha.

Só falta no contracto entre o inglez e o governo, a clausula de que seja substituida a guarnição portugueza da Madeira por marujos e policeman da City, e o pendão azul e branco pela bandeira vermelha da... nossa fiel aliada.

E, remediada essa falta, é completa a proposta que o parlamento discute.

NO CREDITO PREDIAL

Cincoenta anos de vida imaculada

O snr. José Luciano de Castro, chefe do partido progressista, tem a ilustrar mais os fastos dos seus «cincoenta anos de vida imaculada» com a situação de descredito, senão de falencia, creada ao Credito Predial Portuguez.

Ganhando quatro contos de reis por ano com o seu logar de governador desse estabelecimento bancario e nunca lá pondo os pés, não, só o defraudava, criminosamente, com os proventos auferidos num logar que não ezercia, como é notorio e escandalozo; como também, o comprometeu em operações de credito tão deploraveis que a consequencia veio a ser a perda para o Credito Predial da situação de defazago e prosperidade a que podia, legitimamente, aspirar pela natureza e latitude dos seus negocios.

O homem de quem um dia, n'uma gargalhada homericamente vingadora o parlamento se expurgou, José Luciano de Castro, arbitro da politica monarchica e simbolo da monarchia—nos homens e no rejime— completa, em todos os tons, ao defazer de feira da sua vida e do seu mundo, a obra que o ezautora e perpetuamente ficará como sinteza e florescencia da monarchia constitucional portugueza.

Perniciozo e desmoralizador na politica—autor e cumplice na maioria das roubalheiras que teem posto, liberalmente, a saque o paiz; é também, nos negocios privados d'uma das nossas mais poderosas instituições financeiras, um elemento de zorganizador e um factor e responsavel de dolos e fraudes prejudiciaes da coletividade: nas mãos de José Luciano como, aliaz, nas dos outros politicos tendo por feudo o Credito Predial, nunca este foi considerado mais do que uma arma politica e uma pepiniere de favores. Sempre a maldita e estreita politica de compadrio e suborno, sempre a imoralidade tornada cavilha mestra das flutuações do echiquier, e sempre, pagando as favas, isto é dando a bolsa e o suor ao manifesto, o trabalho nacional, nas suas diversas manifestações, posto a saque e comprometido.

E' uma liquidação completa e de zastroza dos homens do rejime, e da monarchia que com eles se subverte na mais imoral e degradante falencia. Tudo comprometeram, tudo defraudaram, a todas as coizas levaram as unhas das palmas das suas mãos arrepanhadoras como arpias. Mas, emfim, ao menos que acabem por nos deixar—e já se lhes não pede mais nada...

VIDA LOCAL

MERCADO

O snr. capitão Marrecas Ferreira, mais uma vez, foi, no dominio dos factos, a confirmação d'um adagio. —Agua mole em pedra dura, tanto dá até que a fura, sem quiproquo, e esse digao cavalheiro, que um acendrado e robusto amor á nossa terra entre tantas personalidades distingue, já conseguiu, pelo menos, lançar na circulação com favoravel acolhimento algumas das suas ideas reformadoras, ou, ao menos, a do mercado.

Custou, custará, até que de projecto se torne realidade, mas o peor passo é o primeiro: quem começa a andar com o ezercicio avigora-se, adquire habito, força, vontade; o que se dá nas creanças quando de engatinhar passam, emfim, a andar, dá se também nas sociedades.

O futuro do mercado, em Ovar, está, quer-nos parecer, assegurado; a comissão elaboradora dos trabalhos que trarão a sua existencia, devidamente constituída, já mesmo se compenetrou da confiança de quem conhece assegurada a sua intenção; a verdade é que se nos afigura economicamente uma boa empreza a do mercado e somos justos para com a Camara, acreditando que esta forcejará por acordar com os owarenses que pretendem, não se esqueça, dotar a nossa vila d'um melhoramento desde ha muito indispensavel.

Em principio, em teze, somos contrarios, redondamente, a tudo que seja a exploração, por particulares, de aquellas instituições e explorações que os municipios por sua conta podem directamente jerir.

A experiencia de quanto é vantajoza, preferente, a municipalização de servicos e emprezas que as camaras podem tornar uma grande fonte de receita e um jeral beneficio publico; essa experiencia está feita, em Portugal mesmo, tão concludentemente que a escola da municipalização conquista e atráe toda a jente. Mas tendo em vista a rotina, atendendo á proverbial e tipica forma administrativa da nossa edlidade; aferrolhar, tornar o municipio, restritivo, escassamente, um

pe de meia; tendo isso em vista, e considerando que é melhor o sofrivel, e peor o pessimo, aceitamos com agrado que uma empreza dote Ovar d'um mercado, como o precisamos, e a camara municipal lhe seja tanto quanto possivel, sem detrimento dos interesses e direitos municipaes, propicia e auxiliadora.

A construção d'um mercado, em Ovar, não será difficil, as expropriações sendo caras não o são excessivamente, e largos e terrenos municipaes ainda temos para servir, algures, de baze ao corpo jeral do edificio, ou á sua conformação central.

O nosso mercado, porém, terá de contar se que deverá, no seu ambito, ter o defazago e a capacidade precisas á populozissima e operoza rejão que a ele tenha de vir fazer compras, vendas, permutas. O plano fundamental deve attender como primeira condição de ezito a que n'ele se comportem, agora e no futuro, sem se acotovelarem e comprimirem, as relações da oferta e da procura, taes como as concebemos, pela observação, na nossa terra.

E' forçoza não esquecer que se Ovar é uma vila muito comercial, muito rica, muito populosa; no seu futuro, já pela situação jeografica, já pela capacidade de progressão e aumento que caracterizam a sua jente, muito mais o será, não sendo utopico esperar-se muito e muito das enerjias e virtudes vareiras.

Quer isto dizer que a primeira condição a ezijr-se no plano constructor, deve ser a capacidade; não infirida das necessidades e do movimento actual, mas acrescentada ás necessidades e ao movimento de hoje com o computo, o mais pelo largo possivel, das necessidades e do movimento futuro. Não seria isso fundamental, quando cazo fosse o construir-se um mercado de papel de côres ou de lona, mas como se encara a fundação d'um mercado, a serio, também não hade ser a fingir que se procedam a calculos e a estudos previos.

Tem, pois, como primeira parte, de corresponder pelas suas dimensões, amplitude, defazago, ás justas conveniencias mercantilistas da nossa vila, não só pelo que esta é agora, também, pelo que terá de ser.

Campo não falta, ainda que bem preferivel fóra que a localização do mercado a estabelecessem em qualquer logar, proprio pelas vantagens da situação, tendo-se em conta que é sempre um mal transformar-se n'ele algum dos largos e praças.

Aceitamos que se aproveite um qualquer dos largos existentes, estes porém são poucos, prestam reaes servicos á ventilação, aspecto, condições de salubridade e embelezamento local.

A doutrina de administração municipal seria alargal-os, aumentar-lhes o numero, nunca ou para mercados cobertos ou para quaesquer edificações reduz l-os.

Assim e resumindo: o melhor era o mercado assente em terrenos especialmente conquistados, sem que com isso se queira contraditar a necessidade da sua edificação, mesmo que seja aproveitando o espaço de largos municipaes.

Mercado com condições de capacidade satisfazendo o pensamento que enunciamos, e fiquemos hoje por aqui, que a empreitada quer dias.

A VARIOLA

Na povoação da Afurada, concelho de Guia, lavra intensamente a epidemia da variola.

Providencias de saneamento vão ser levadas a cabo pela municipalidade e autoridades de Guia, e ha fundados motivos de acreditar que serão ezecutadas, rigorosamente, as prescrições que o delegado de saude local diz indispensaveis para combater a epidemia. Como nos interessa, pois se dá o cazo de ha semanas e semanas grassar nesta vila, fortemente, a variola, damol-as a lêr ás nossas autoridades modelos,

esplendidamente entregues ao seu habitual, ao seu congenito, mas imperdoavel desleix. Ora suas senhorias, que todo lo mandam diguem-se escutar:

1.ª Remoção de todos os cortellos existentes ao lado da povoação e saneamento do terreno respectivo, saneamento que deverá consistir na tapjagem das fossas, remoção dos entulhos e dezinfeção pelo cloreto de cal;

2.ª Remoção das pilhas de estrume existentes na povoação;

3.ª Sulfuração, lavagem com cloreto e caiação onde se teem dado cazos de variola;

5.ª Limpeza amudada dos aruamentos e dezinfeção das valetas pelo cloreto de cal.

Não consta que em Ovar, terra de primeira ordem onde ninguém ha que não se abespinhe todas as vezes que se constata e confessa a imundice e abastardamento vergonhozos da terra, não consta que, em Ovar, o facto grave, o cazo seriissimo da invazão assoladora da variola, tenha despertado as autoridades sanitarias, administrativas, municipaes.

Nenhuma providencia, medida alguma racional, reclamada energeticamente pelas circumstancias, imposta urjentemente pelo perigo. Pode o microbiano e temerozissimo hospede operar á vontade e assim tem feito. Isto não pode ser, isto não deve continuar.

Mais que as conveniencias, ou a indolencia sibiritaria dos «donos de Ovar» mais do que elles vale e merece a vila inteira. Ua povoação destas não pode estar entregue, sem defeza, sem cuidados, sem previdencia e sem providencias, á ação mortifera de todos os agentes pitojenicos, aqui encontrando para a sua reprodução e penetrabilidade o que em lexico de laboratorio se chama «caldos de cultura», isto é, meios especialmente propios.

A variola, todas as epidemias que periodicamente nos vizitam, são virulentas porque se desprezam os meios profilaticos de prevenção e os processos enerjicos de cura.

Sibem isso o delegado de saude, a autoridade administrativa e a camara: é tempo e tempo de sairem das costumadas «encolhas», e com o aplauzo de toda a jente iniciarem uma serie de medidas de hygiene publica, indispensaveis, urjentes.

Vamos a isso, visto não haver mais remedio...

ODIO CLERICAL

Os jornaes do Porto, de domingo ultimo, publicavam no seu *fait-divers* a noticia seguinte do «Ateneu Comercial do Porto»:

«Reuniu hontem á noite a direcção desta importante coletividade. Rezolveu por unanimidade que ficasse consignado na acta um voto de profundo desgosto pela maneira *incorrecta* como foram satiricamente apreciadas pelo jornal *A Palavra* as festas do centenario do egrejo escritor Alexandre Herculano, protestando, juntamente, pela forma como foram tratados os socios, corporações e pessoas que gentil e expontaneamente tomaram parte no cortejo».

Estariam os padres que não gostam no plenissimo direito de não se associarem ao centenario de Herculano—e nisso só deram um testemunho de lojica que os recomenda—mas o que não estão é no direito de enxovalhar com as suas graçolas de alimarias mal educadas as manifestações nacionaes celebradoras do egrejo portuguez da Azoiã. O clero vê em Herculano o espirito liberal e o aspero e indominavel individualismo, e como a sotaina não tem patria vá de alçar a perna garotamente á passagem d'aquelles que memorando um dos grandes homens da sua nação e esta mesma dignificam e elevam,

A falta d'outras sentinas por onde gorgolejasse a sua esterocaria bilis serviu-se do vazadouro da Palavras camarins bejensés da sua «sociação Católica».

A primeira, consentidamente dezabafa a direcção «Ateneu», foi incorrecta e sáca, é o italico da acta; a seida, á passagem do cortejo co, ostentou audacioza e provoloramente fechadas as suas pos.

Quer dize: —o por nome da litteratura portugue moderna, a expressão mais elada da veracidade, amôr ao traho e virtudes civicas, pelo facto serem d'um homem que comeu o ulta-amontanismo, são mozeados pela igreja com o odio desrespeito canalha.

Seguros de si, aeles grandes miseraveis que o toriador castigou, não se pejade lhe insultar a memoria, e temem medo de lhe escoucear austera sombra.

E' que isto é unsacristia até vér...

Logares Lectos

A publicação d'Historia de Portugal tinha chudo ao quarto volume, e as mrias para o quinto, que complea o quadro da primeira epoca monarchica, estavam em partcolijidas. A obra fizera ruido suscitára a animadversão d'agles que quem acomodar a hria ás crenças do vulgo, áreoccupações nacionaes, aos iresses que n'elas se estribam, não corrigir e alumiar o prezen pelas lições da historia.

As repetidas e véadas aggressões contra o livro ainda mais contra o auctor demciavam, em jeral, a existencia os intuitos d'uma parcialidaderritada, cujos membros proceam de acordo e cujos interessa nova publicação viera aciddalmente ferir.

Provocado injustaente, repeli essas aggressões, poentura com demaziada dureza, descobrindo nelas um pensamen anti-liberal fui mais longe. Ao vro sem intenção politica fiz suir um que a tinha. Vendo no pido que engrossava a occultas que antigo, se recompuzera co elementos novos, um perigo pa a sociedade, trouxe á luz un das mais negras pajinas da sjenealogia, pajina que se não é seu eterno remorso, hade sér sua eterna condenação perante Deus e os homens. Os tres volums da Historia do Estableciment da Inquizição, provaram, sem plica possivel, uma verdade imortante para a solução da luti que ajita a Europa; provaram qe o fanatismo ardente e aind a simples ezajeração do sentimento religioso são mais raros d que se cuida e que o vulgar é hipocrisia, de todos os fructos a perversão humana o que mais everamente foi condenado pelo dvino fundador do cristianismo. N'algumas linhas que precediamaquelles volumes eu apontava a existencia, a indole, as miras o modo de proceder da reacção, e sem os ezajerar mas tambem sen os disfarçar, assinalava os risos que a liberdade corria.

Os habeis, os homens praticos, os estadistas eminentes riram se. Eu não passava de im visionario. Cinco anos depois a reacção apresentava-se com a face descoberta no campo da betalha, e todos os amigos sinceros da liberdade estavam visionarios comigo.

Pobres homens praticos! Pobres estadistas! Mas para descobrir o rosto e combater franamente era ainda cedo então. O que cumpria era quebrar a pena na mão do visionario, do que presentira os que se occultavam na sombra e que lá os fóra ferir. Afeitos ás trevas, caminharam nas trevas.

Tinham adeptos amigos, instrumentos nas rejiões do poder, talvez no seio d'ele: tinham ahí malevolencias pessoas que aspiravam a saciar-se. Assim, venceram. Depois, a uns homens succederam outros homens; aos meus adversarios os que se diziam meus amigos, e sempre e em toda a parte e com todos encontrei a reacção influente que me reduzia ao silencio e á inaço. Inibido de proseguir, sem o sacrificio completo da dignidade e sem risco certo da honra, na coleção dos materiaes para a vasta edificação que empreendera, tive afinal de ceder e de fechar a bem curta distancia os limites da imprudente empresa.

Alexandre Herculano.

ARTE & LETRAS

AS PAPOILAS

Vermelhas, da cor da vida! Labios de sangue a estuar, as papoilas, haste erguida, fuljem á luz difundida e embevecem o ar.

Mancham o verde das searas das suas gamas brilhantes; joias finas, joias raras, são fantazias preclaras de aneios quase falantes.

Jeradas na espessura, a terra aspera as fez; fel-as, assim, sendo escura, e porque é feia e dura lhes deu tão macia tez!

Cortadas logo fenecem; —são iluzões passageiras, mas, vistas, não mais esquecem... —E véde! —nada enriquecem nos calçadinhos das eiras!

A seara é o pão que sustenta, mas tu, papoila, és —a Idea! E' o trigo o nervo que alenta; mas, sedução que nos tenta, tu és a Fé que incendeia.

Num peito de namorada andarás, ó flôr guerreira! Mas é só no do soldado cidadão, heroe, revoltado, que luz tua graça altaneira.

Flôr do sol, porque és chama, tu quadras na sepultura; lembrando, martir, quem ama, e um sangue vivaz derrama por noções da idea pura.

Vermelhas, da cor da vida! Labios de sangue a estuar, as papoilas, haste erguida, fuljem á luz difundida e embevecem o ar.

Antonio Valente.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passaram seus anniversarios natalicios:

No dia 9, a snr.^a D. Gloria d'Oliveira Gonçalves, extremosa filha do nosso velho amigo snr. Manoel d'Oliveira Gonçalves.

E no dia 12 a menina Maria Etelvina Annapaz Magalhães, sympathica e dilecta filhinha do nosso illustre conterraneo snr. Major Anthero de Carvalho Magalhães.

E no dia 19 tambem faz annos a menina Graça dos Santos Lima.

A todos as nossas felicitações. —Acompanhado dos snrs. Manoel Joaquim Rodrigues e Balthazar Machado Salazar, partiu de Lisboa no dia 19, a bordo do Lanfranc, em digressão á ilha da Madeira, o nosso excellent amigo dr. Pedro Chaves.

Que gosem por lá muito. —Passa incommodado de saude, pelo que guarda o leito, o snr. José Maria Pereira dos Santos, considerado commerciante d'esta praça.

—Tambem está enferma, pisando felizmente melhor, a snr.^a D. Maria da Fonseca.

—Por falta de saude, chegou ante-hontem a esta villa, de regresso da ilha do Principe, o nosso patricio Frederico dos Santos Lima.

Desejamos em breve se restabeleça.

—Encontra-se entre nós, onde veio de Lisboa assistir á festa natalicia de sua querida filhinha, o snr. major Anthero de Magalhães.

—P riram na semana passada, com destino a varios pontos do Brazil, os nossos patricios João d'Oliveira Correia, Antonio Isaac Rodrigues da Silva, Manoel Augusto de Pinho Freire e João da Silva Junior.

Feliz viagem e fortuna.

O mercado

Reuniu novamente no domingo á noite na sala da Associação de Soccorros Mutuos a comissão incumbida de organizar o projecto do mercado.

Presentes algumas indicções colhidas em Aveiro relativas ao mercado central d'aquella cidade, resolveu-se nomear uma sub-commissão composta dos snrs. Capitão Marrecas Ferreira, João Polonia, Manoel Barbosa Brandão, Francisco de Mattos e Augusto de Pinho, para estudar e elaborar as bases a apresentar á camara.

N'aquella reunião escolheram-se a praça do Largo do Chafariz e a alameda dos Campos, como melhores locais para a edificação de dois mercados.

A nosso vér, porém, nunca a camara se deve desfazer da alameda dos Campos, por ser o unico largo municipal, dentro da área central da villa, que mais se adapta a um recinto qualquer de embelezamento, mas não a um mercado.

Da comissão do mercado, nomeada no dia 3 na assembleia do theatro, faz parte o snr. Antonio Soares Pinto, cujo nome, por lapso, foi omitido na relação dos cavalheiros, de que no numero anterior demos nota.

Fica assim rectificada a noticia.

Festividade

Realiza-se no proximo domingo na igreja parochial a festividade de S. José.

Consta das habituaes ceremonias, que são missa cantada e sermão ao Evangelho, de manhã, e vesperas, sermão e procissão, de tarde.

Assiste a banda dos Bombeiros Voluntarios.

Hospital... nos paços do concelho

Por deliberação da illustrissima camara, em cujas resoluções a vontade ou caprichos d'um só homem hyperam, foram removidos para os paços dos paços do concelho, as chamadas as aguas-furtadas deste edificio, os doentes que actualmente estavam no hospital, em numero não inferior a 12.

Esta installação, é pena ser provisoria e durar ómente enquanto não se completam umas reparações no edificio do hospital, porque allí, onde as corujas faziam coito e as aranhas teciam extensas cambras, encobriam os doentes um refugio hygienico, desafogado e confortavel, caaz de lhes dar saude em poucos dias, —o que dizemos nó? —em poucos horas.

Imaginem: o local agora transformado em hospital de tal forma se afigurou excellent aos olhos da camara, que nem foi preciso a opinião dos medicos para estabelecer, na sua omniencia e omnipotencia, a mudança dos doentes, pois que nem meios prophylaticos nem processos hygienistas presidiram a tão atribuiaria medida.

Esta camara tem cada lembrança mais ratorial...

Vaccina

A'manhã, sexta-feira, e dias successivos, ha na administração do concelho, pelas 10 horas da manhã, vacinação e revaccinação para creanças e adultos.

Attendendo á importancia d'es-

ta medida, bom é que todos se compenetrem da sua effiacia ante o estado epidemico que atravessamos.

Cooperativa de Paificação

Os promotores d'esta cooperativa convidam os subscritores a reunirem-se no domingo proximo, pelas 3 horas da tarde, no predio da familia Carrelhas, á rua das Figueiras (em frente a S. Lourenço) para se assentar nas bases definitivas da sociedade.

Livros offerecidos para a Bibliotheca Escolar

Ex.^{mo} snr. Arcebispo d'Evora os seus livros:

- «Dissertatio inauguralis».
- «Inflencia civilisadora da Igreja atravez dos tempos».
- «Regina martyrurum» (sermão).
- «Honor victoribus» ()
- «Regina sine labe».
- «Deus e Patria».
- «Oração gratulatoria no 30.º anniversario da coroação de Pio 9.º».

Ex.^{mo} snr. Anselmo Braancamp Freire, os seus livros:

- «O Conde de Villa Franca e a Inquizição».
- «Sepulturas do Espinheiro» (edição de luxo).

Livraria Ferreira & Oliveira, Limitada, rua do Ouro, 132—Lisboa:

- «Peccados velhos» —Gregor Csiksy.
- «Primeiros soccorros a Joentes» —dr. Doria Nazareth.
- «Guia das mães» —Ardisson Ferreira.

«Historia resumida do homem primitivo» —Edward Clood.

«Contos em Viagem» —João Andrade Corvo.

«Os contos da mamã» —Chiappe Cadet (D. Maria Rita).

«Fabulario» e «Fabulas» —de Henrique O'Neill.

«Harmonias fantasticas» —Souza Viterbo.

«S. M. El-rei D. Affonso 6.º» —Manoel Bernardes Branco.

Ex.^{mo} snr. Dr. João de Deus Ramos:

- «Campo de Flores».
- «Prosas».
- «A cartilha maternal e a critica».

«Cartilha maternal».

«Deveres dos Filhos».

«Album do methodo de leitura» todos de João de Deus.

«Guia pratico e theoretico da Cartilha maternal» por o offerente.

Ex.^{mo} snr. Dr. Barbosa de Magalhães:

«O castello de Lourps» I. K. Huysmans.

«O romance d'um principe» Pierre de Lano.

«Os Párias» Rocha Martins.

«Agulha em palheiro» C. Castello Branco.

«Portugal» (poema) Souza Machado.

«Macieiras em flôr» João Grave.

«João de Deus e a sua obra» Reis Damaso.

«Colonia agricola de Villa Fernando» Leite de Vasconcellos.

49 folhetos com diversas questões juridicas.

Ex.^{mo} snr. Dr. Amaro Conde, os seus livros:

«A faculdade de direito»

«Da necessidade de regular as abalroações».

Ex.^{mo} snr. José Miguel d'Abreu os seus livros:

«Exercicios de desenho para as tres primeiras classes».

«Exercicios de desenho para a 4.ª classe».

«Projectções ortogonaes»

«Compendio de desenho linear elementar».

«Desenho linear e d'ornato».

«Problemas de desenho linear rigoroso».

Agadecimento

Francisco Joaquim Nogueira Junior e Maria Felizarda No-

gueira, na impossibilidade de agradecerem pessoalmente as provas de consideração e estima que receberam por occasião do fallecimento de seu saudoso pae Francisco Joaquim Nogueira, vêm por este meio testemunhar a sua eterna gratidão não só a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os e acompanhar á ultima morada o seu querido morto, como tambem áquelles que assistiram á missa do 7.º dia.

Ovar, 12 de Abril de 1910.

Francisco Joaquim Nogueira Junior Maria Felizarda Nogueira.

Serralheiros e ajudantes

Precisam-se habilitados para forja, na officina de Guilherme Nunes de Mattos.

Rua da Fonte—OVAR

Bibliotheca de Educação Moderna

«Descendemos do Macaco?»

Tradução do tenente Moraes Rosa

A Bibliotheca de Educação Moderna, que se publica em Lisboa sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, acaba de pôr á venda um novo livro, interessantissimo, com este titulo: *Descendemos do Macaco?*

N'elle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem. Na verdade, estas perguntas preocupam todos os espiritos. De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

Desfeitas pela sciencia as ingénuas tradições espalhadas pelo Christianismo, foi preciso estudar o problema, tão ruidosamente enunciado pelas theorias de Darwin. Foi assim que Denoy, um sabio illustre, explanou essas theorias, dando-nos um livro admiravel, claro e imparcial, cujo titulo é tambem uma pergunta: *Descendemos do macaco?*

Afirmou um outro sabio, não menos illustre, que é preferivel descender de um macaco aperfeiçoado do que de um homem degenerado. Seja como for, este estudo é interessante e de um valor indiscutivel, pois a origem do homem decide do seu destino. De onde viemos. O que somos?

A estas perguntas, que devem torturar todo o homem consciente, responde o livro do sabio escriptor Denoy, agora traduzido para portuguez—livro cujo titulo suggestivo é este: *Descendemos do macaco?*

A mesma Bibliotheca de Educação Moderna já publicou mais dois livros, verdadeiramente sensacionaes, tambem magnificamente traduzidos para portuguez.

O primeiro intitula-se *A Igreja e a Liberdade* e é devido á penna de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*.

O segundo intitula-se *Socialismo e Anarquismo* e constitue um estudo, completo e claro, acerca d'estas duas doutrinas sociaes, sendo seu auctor o grande sociólogo Hamom.

Em preparação, prestes a serem postas á venda, estão outras obras sensacionaes, destinadas ao maior successo.

Preço de cada volume d'esta bibliotheca: brochado, 200 réis; magnificamente encadernado em percalina, 300 réis. Remettem-se pelo correio, para todas as terras da provincia, do Brazil e das colónias portuguezas. Pedidos á *Livraria Internacional*, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.

